

Imparável, Carlos Silva avança como candidato único à liderança da UGT



Há muito tempo que andava no ar a candidatura de Carlos Silva à liderança da UGT nacional. Foi a partir do consenso encontrado no seio da Febase, que congrega os três sindicatos verticais bancários, que se estabeleceu que era chegada a hora de o futuro Secretário-Geral ter origem no setor bancário, que a ideia começou a ganhar asas. E há muito que, avaliadas as condições internas no seio da Federação, relativamente à personalidade que

o setor deveria fazer avançar, que Carlos Silva surge como a figura que poderia gerar os tais consensos, tão necessários quanto decisivos para gerir uma casa que faz da democraticidade interna e da pluralidade a sua prática quotidiana. Como é do conhecimento geral, o setor bancário desempenha, no seio da UGT, um papel preponderante e decisivo, quer no aspeto organizativo, quer no aspeto da sua sustentabilidade financeira. Recorde-se que, apesar disso, nunca

até esta data houve um Secretário-Geral oriundo deste setor. É bom que se diga que este consenso, nascido no seio dos bancários, foi decisivo para a caminhada serena e segura que Carlos Silva tem vindo a trilhar até aqui e que, seguramente, lhe irá proporcionar alcandorar-se à mais alta hierarquia do mundo sindical democrático português. Foi, portanto, uma candidatura endógena, nascida e amadurecida no seu seio, pois não podemos esquecer que, entretanto, todas as



tendências político-sindicais internas da Febase convergiram para Carlos Silva, tornando-a uma candidatura forte e diminuindo a possibilidade de surgirem alternativas que, de alguma forma, pudessem ainda prefigurar-se até ao próprio Congresso de 2013.

A partir do momento em que a Tendência Sindical Socialista dos sindicatos da Febase, reunida em Fevereiro, em Coimbra, com a presença do Coordenador nacional desta Tendência no seio da UGT, João Proença, avançou com a determinação da necessidade de se avançar com uma solução para a substituição do atual Secretário-Geral da UGT, o nome de Carlos Silva congregou forte apoio e a partir daí, não tardaram os apoios que lhe têm chegado de todos os setores da UGT.

É de realçar o apoio que o atual líder da central, João Proença, tem vindo a manifestar a Carlos Silva desde a primeira hora, sendo mesmo um entusiasta da sua candidatura.

Carlos Silva formalizou a sua Candidatura a 15 de maio.

O processo tem tido a sua sequência, nos termos da Resolução

Licenciado em Estudos Europeus;
Frequentou Curso de Pós-Graduação em Estudos Europeus na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.
Presidente do SBC, desde 15/03/2007;
Vice-Secretário Geral da FEBASE - Federação do Setor Financeiro;
Membro do Comité Executivo Mundial da UNI - United Network International UNIGlobalUnion;
Vice-Presidente da UGT - União Geral de Trabalhadores;
Presidente da UGT - Coimbra;
Membro efetivo do Secretariado Nacional da UGT - União Geral de Trabalhadores;
Membro do Conselho de Fundadores da Fundação Res Pública;
Membro suplente do CES (Conselho Económico e Social);
Membro do Conselho Regional da CCDRC (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro);
Membro do Conselho Consultivo do IIEFP (Delegação Centro);
Membro do Agrupamento de Centros de Saúde do Pinhal Interior Norte (Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pêra, Pedrógão Grande, Ansião, Alvaiázere e Penela);
Foi Secretário Geral da FEBASE - Federação do Setor Financeiro, desde 12/05/2010 até 31/06/2011;
Foi Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Fundo Social dos Trabalhadores do Banco Espírito Santo;
Foi Coordenador do Conselho Europeu de Empresa do Grupo Banco Espírito Santo, entre 2003 e 2007;
Foi Coordenador do Grupo Especial de Negociação para a criação do Conselho Europeu de Empresa do Grupo Banco Espírito Santo, entre 2001 e 2003;
Foi Membro da Comissão Nacional de Trabalhadores do Banco Espírito Santo, entre 1996 e 1998 e entre 2000 e 2003;
Foi Membro da Direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, entre 1997 e 2000.
Bancário no Banco Espírito Santo do Avelar.
Membro da Comissão Nacional do PS;
Foi Membro do Secretariado da Federação Distrital de Coimbra do PS;
Foi Presidente da Assembleia de Freguesia de Campelo, concelho de Figueiró dos Vinhos, entre 1997 e 2009;
Foi Candidato a Deputado à Assembleia da República pelo Partido Socialista, pelo círculo eleitoral de Lisboa, em 1991;
Foi Candidato à Vereação da Câmara Municipal de Loures pelo Partido Socialista, em 1989;
Foi Membro do Secretariado e Comissão Política Distrital de Lisboa do Partido Socialista, entre 1988 e 1992;
Foi Secretário Nacional e Membro da Comissão Nacional da Juventude Socialista, entre 1990 e 1992;
Foi Presidente da Distrital de Lisboa da Juventude Socialista, entre 1988 e 1992;
Tem desempenhado diversas funções no Associativismo, desde 1976, quer em Sacavém onde residia, quer na atual residência em Figueiró dos Vinhos.



Carlos Silva no momento da entrega da sua Candidatura na presença de João Proença e João de Deus

que o Secretariado nacional da UGT aprovou em Dezembro de 2011, onde o dia 15 de Maio foi estipulado como data-limite para a apresentação de pré-candidaturas. Nesse dia, Carlos Silva apresentou ao Secretário-Geral e ao Presidente da UGT um dossiê, formalizando a sua candidatura, com o apoio de 33 organizações sindicais da Central expressando-lhe o seu apoio institucional.

Seguir-se-á a eventual aprovação pela Tendência Sindical Socialista nacional da UGT, em Congresso específico para o efeito, já agendado para 6 de Julho, em Lisboa. A partir desse formalismo e caso o Congresso vote favoravelmente a sua candidatura, Carlos Silva será sufragado em Secretariado Nacional da UGT, na semana imediata.

A Direção do SBC, como não podia deixar de ser, aprovou por unanimidade a decisão do seu Presidente em avançar para este alto cargo sindical, dando-lhe todo o apoio e prometendo-lhe a cobertura da retaguarda, se e quando a sua eleição se consumir.

Carlos Silva é uma personalidade multifacetada, com uma vida política e sindical tão intensa quanto antiga, tendo-se engajado, desde muito jovem, nos meandros da Juventude Socialista, onde desempenhou funções de elevada

responsabilidade regional e nacional entre 1988 e 1992. Integrou a Direção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas (ver caixa) e, desde 2001, faz parte da Direção do Sindicato dos Bancários do Centro, liderando o Sindicato desde 2007. Carlos Silva é uma personalidade pragmática, com provas dadas no terreno e se a sua aproximação às bases e aos trabalhadores, nas empresas e nos locais de trabalho, for uma prática do quotidiano, como tem vindo a ser a sua prática no SBC, vai agradecer, por certo, a muitos setores da UGT que se reveem nestas práticas e que esperam da Central a assinatura de acordos, sim, quando absolutamente necessários, mas que não vai abdicar da rua quando os interesses dos trabalhadores e o interesse nacional assim o justificarem.

Carlos Silva personaliza e congrega muitas expectativas. A Direção da Revista do SBC, orgulhosa de que saia do seio do Sindicato dos Bancários do Centro um dirigente de tal estirpe, não podia deixar passar este momento sem lhe colocar algumas questões donde ressalte o seu pensamento e constituam digamos, o substrato ideológico que irá pautar e fundamentar a sua conduta, a sua praxis, como alto dirigente sindical, pelo que lhe colocou as seguintes questões:

Estamos a atravessar uma fase de desideologização e de despolitização de amplos setores sociais, acompanhada de uma marginalização e menorização dos sindicatos, uma vingança dos ideólogos neoliberais que vêm chegado o seu tempo.

Como pensas que podes ultrapassar esta fase negra, como dirigente sindical?

As fases mais negras das vidas dos trabalhadores, ao longo das muitas décadas em que o sindicalismo se desenvolveu e consolidou como pilar fundamental do exercício e da consagração das liberdades cívicas e de associação, foram ultrapassadas com persistência e determinação, com lutas e reivindicações, com manifestos e muitas angústias, quantas delas dolorosas e que custaram vidas, mas seguiu o seu caminho. Ao dirigente sindical exige-se que NUNCA DESISTA, porque é nesta determinação que reside a força dos sindicatos. E ainda que hoje se atravesse um momento de ataque aos direitos dos trabalhadores, muitos deles consagrados constitucionalmente, a essência do movimento sindical mantém-se intocável - lutar com todas as forças para defender os direitos de quem trabalha.

Gostávamos que nos falasses sobre as relações internacionais da UGT e o que pensas sobre isso.

A UGT é uma confederação sindical portuguesa com enorme prestígio internacional. Um dos grandes esteios do movimento sindical foi o de assentar numa dinâmica de relações internacionais, como forma de estreitar laços entre os trabalhadores de todo o mundo, porque onde existem relações laborais, existe exploração e abuso de poder patronal. A troca de experiências entre os sistemas vigentes nos diversos países e a comparação das legislações sobre matérias idênticas só pode surtir efeitos positivos, porque permite um intercâmbio de ideias

e conceitos entre o que se vai fazendo pelo mundo e estudam-se soluções para a uniformização de leis a aplicar, independentemente dos países que se analisem. Por outro lado, sendo a União Europeia um espaço de integração económica e monetária e de certa forma político, embora gradual, as decisões de políticas macro são discutidas e implementadas por Órgãos supranacionais, longe das várias capitais nacionais e esta situação obriga o movimento sindical a concentrar e a consertar esforços tendentes a agilizar os seus procedimentos reivindicativos e de proposição. É em Bruxelas, Estrasburgo, Haia, Londres, Paris, Roma, Berlim, etc. que se desenrolam os passos para a coesão europeia e para a aplicação de medidas políticas, económicas e sociais. Não pode a UGT dissociar-se desta realidade, pelo que tem necessariamente de estar integrada num espaço alargado, com representantes dos sindicatos dos vários países europeus, como intuito de influenciar as decisões que, por exemplo, o Parlamento Europeu, a Comissão e o Tribunal de Justiça

tomam na defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores que representam.

Como vai relacionar-se a UGT com os sindicatos da central.

Na Central sindical UGT o relacionamento entre os seus sindicatos tem sido sempre pautado pelo equilíbrio das tendências político-sindicais que coexistem no seu seio e também pelo respeito pela dignidade de todos os sindicatos "de per si", qualquer que seja a sua dimensão ou setor de atividade económica.

A UGT tem sido e continuará a ser o que os seus sindicatos quiserem que ela seja. Cabe ao Secretário-Geral pugnar por esse desiderato, até hoje sempre constatado nas decisões emanadas dos Órgãos da Central, pautadas quase sempre pela unanimidade dos seus membros.

Gostávamos que informasses e tranquilizasses os sócios do SBC, sobre como é que este vai ser gerido se e quando tomares posse de Secretário-Geral da UGT, dado que não possuis o dom da ubiquidade.

Caso o Congresso da UGT, que terá lugar em 2013, opte por me eleger para Secretário-Geral da Central Sindical, entendo tal eventual decisão como um fator de prestígio e orgulho para o Sindicato dos Bancários do Centro, pela sua participação ativa na vida e nas decisões da UGT, no respeito por um sindicalismo democrático e de proposição que nos caracteriza, no princípio da responsabilidade e na defesa do superior interesse dos trabalhadores portugueses e de Portugal.

O Presidente da Direção do SBC manter-se-á em funções até Abril de 2015, sabedor das vicissitudes da governação à distância, mas ciente da equipa que lidera, dos homens e mulheres que integram os Órgãos do SBC aos mais variados níveis de decisão e participação. E os estatutos do SBC são claros no que à delegação de competências está determinado nas ausências e impedimentos do Presidente.

Tudo se processará sem conflitos e na maior estabilidade, algo para o que os dirigentes do SBC estão, desde há muito, conquistados.

